

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uma SMS que pode fazer a diferença



"Meu ex-marido ainda ameaça-me tirar a casa", Helena Zandamela

BENJAMIM CAPITO

UMA mensagem enviada para o número 90603 foi suficiente para que Helena Zandamela, de 53 anos, tivesse apoio para recuperar a casa de onde foi despejada pelo marido, que regressou para reivindicar o imóvel, depois de ter abandonado a família.

O seu grito de socorro foi ouvido pelo Centro de Atendimento Integrado às Vítimas de Violência do Género (CAI), localizado em Ndlavela, no Município da Matola. A instituição geré uma Linha Verde para denúncias de casos de violência doméstica.

Com a intervenção do CAI, o caso chegou ao tribunal, no ano passado, que determinou a restituição da casa, para além de condenar o agressor a dois meses de prisão, e ao pagamento de uma indemnização de 5 milhões de meticais.

O acusado foi julgado à revelia, por não ter comparecido

em tribunal na leitura da sentença, e até hoje não pagou a indemnização.

Embora o despecho tenha sido feliz, Helena Zandamela ainda sofre ameaças do seu ex-marido que, vezes sem conta, invade o antigo domicílio para exigir o imóvel.

Foi em 2002 que o companheiro de Helena bateu com a porta e decidiu começar uma nova vida, deixando para trás a mulher e sete filhos. Passados 15 anos, e para surpresa de todos, retornou para expulsá-la a fim de ocupar a casa com a nova consorte. Sem ter para onde ir, Helena ficou temporariamente no Centro de Acolhimento de Vítimas de Violência Doméstica, em Nkobe.

Antes de ser abandonada, viveu doze longos e penosos anos sendo agredida física e emocionalmente. Um simples desacórdio entre o casal era pretexto para receber socos, pontapés e chapadas do homem que lhe prometera um lar cimentado no amor.

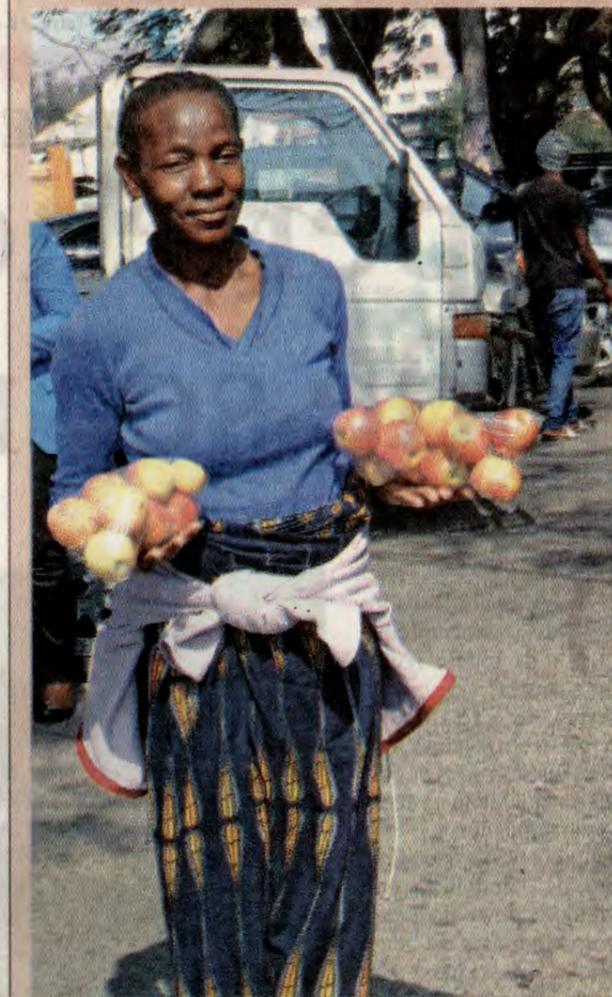
A fúria do agressor, não raras vezes, era destilada pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas, e nas suas investidas não poupava os filhos, na altura menores. As reuniões familiares para chamar atenção ao marido violento sempre redundaram num fracasso. Questionada sobre o porquê de não se livrar destas circunstâncias, explicou que optou por ficar por não ter para onde ir.

A vítima recorda como se fosse ontem, o dia em que já no chão foi pisada nas costelas. "Por isso, hoje não consigo carregar coisas pesadas, porque tenho uma fractura na costela", disse apontando para a parte do corpo.

Hoje, separada do marido, Helena aconselha as mulheres que passam por experiências idênticas à sua, a quebrar o silêncio. "Sozinhas não temos poder para acabar com a violência, por isso aconselho as mulheres a não encobrir os seus agressores", alertou.

HISTÓRIAS DE VIDA

Descobriu-se na venda de fruta



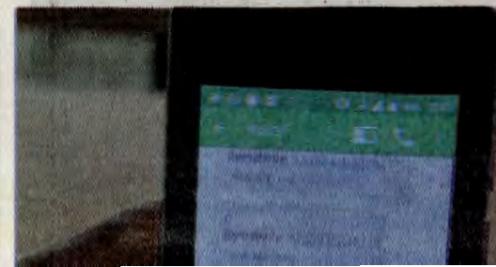
QUANDO Páscoa Afonso André, 40 anos, partiu da Zambézia rumo à cidade de Maputo, em 2000, ao encontro do marido que cá veio viver à busca de trabalho, não imaginou que pudesse algum dia depender da venda de fruta para sustentar a família.

Ela vivia com base na agricultura mas, em Maputo, não tinha terra para cultivo. O seu quintal, situado na Machava Socimol, província de Maputo, município da Matola, não tem espaço para plantar o suficiente para aguentar com a dieta para o mês todo.

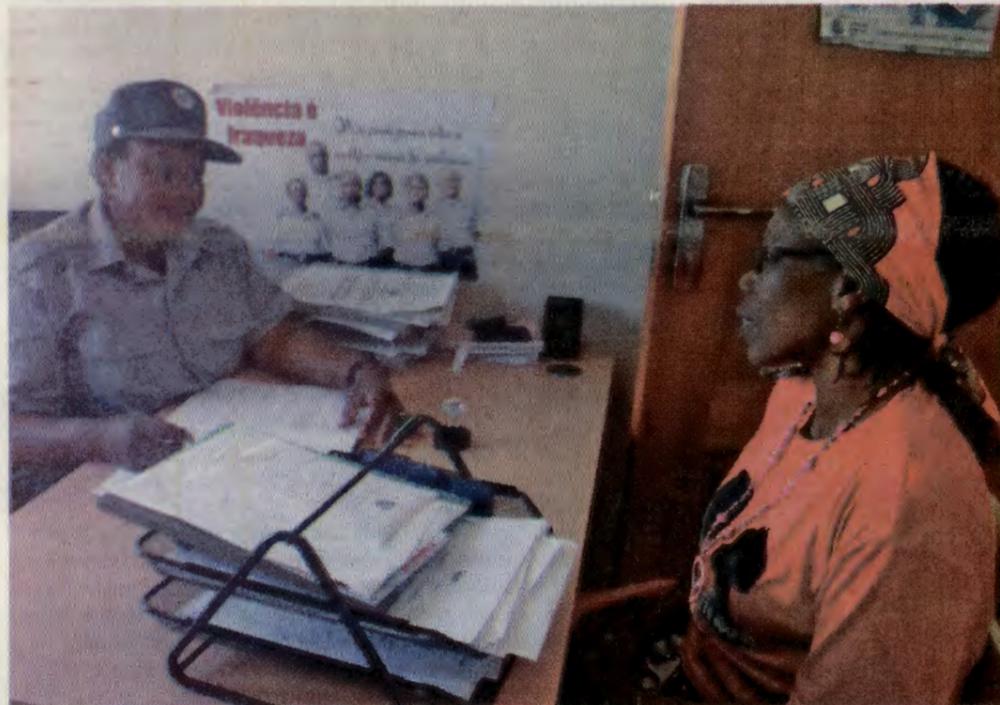
"Foi quando pensei no negócio. Na altura, o meu marido ainda era vivo. Faleceu em 2015. Não foi fácil começar, porque não tinha experiência no ramo. Com a ajuda dele e de outras companheiras de venda, aprendi a saber gerir a actividade. Há quinze anos que vendo frutas e rendo o suficiente para sustentar as despesas da família", animou-se.

Para chegar a este nível, Páscoa trilhou vários caminhos. Aprendeu a saber esquivar-se dos carros nas avenidas da cidade.

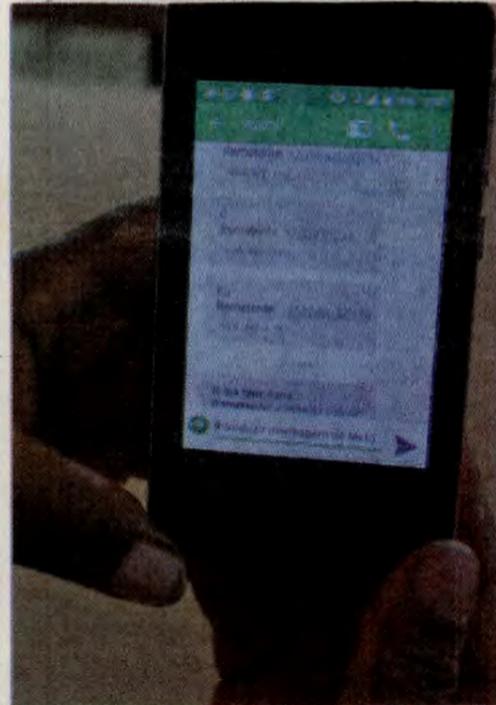
Mais casos reportados no 1º semestre



Mais casos reportados no 1º semestre



Agente da Polícia atende um caso de violência



Linha Verde apenas abrange posto administrativo de Infulene



"Há vítimas que retiram as queixas por dependerem dos agressores", Lúcia Celestino, coordenadora do CAI

HISTÓRIAS idênticas de mulheres sujeitadas a vários tipos de violência sucedem-se um pouco por toda parte. Só no primeiro semestre do ano em curso, o Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítima de Violência de Género atendeu um total de 6.579 casos de violência doméstica. O número representa uma ligeira subida, em comparação com o mesmo período do ano passado, em

que foram notificados 6.318 casos em todo país.

Foi para responder a este problema social que em 2014 foi criado o CAI. Dois anos depois, o centro introduziu a Linha Verde para denúncias de violência doméstica, que até agora abrange 15 bairros do Posto Administrativo de Infulene.

O serviço é o primeiro do género e foi concebido para proteger a identidade

dos denunciadores e responder aos casos em tempo útil. Após enviar uma mensagem para o número 90603 as vítimas recebem instruções de acordo com os casos reportados. As respostas incluem visitas domiciliárias feitas por técnicos do centro, assim como pelos pontos focais.

Contudo, o seu raio de actuação limitado faz com que a plataforma não seja

conhecida pela maioria da população e, por isso, no terreno, os pontos focais desdobram-se em palestras para divulgar a Linha Verde.

Com efeito, desde o lançamento da mesma, em 2016, pelo menos 300 solicitações já foram enviadas à Linha Verde, das quais 50 foram atendidas pelo CAI e as restantes nos postos policiais circunvizinhos.

A coordenadora do CAI,

Lúcia Celestino, explicou que após a denúncia o centro faz o acompanhamento médico, psicológico e jurídico das vítimas, que, na sua maioria, têm idade superior à 25 anos. As ocorrências reportadas, segundo a fonte, são na maioria ligadas à violência patrimonial, onde se enquadra a falta de assistência alimentícia, para além de situações de pais que se recusam a fazer o registo de

nascimento dos seus filhos.

Nos casos em que a integridade física da vítima está em risco, ela é encaminhada para o Centro de Acolhimento em Nkobe. É frequente as vítimas retirarem a queixa por dependerem do cônjuge para a sua sobrevivência. Por medo de exposição, por vezes as denúncias são feitas com contactos de terceiros, o que dificulta a identificação das vítimas.

QUANDO Páscoa Afonso André, 40 anos, partiu da Zambézia, rumo à cidade de Maputo, em 2000, ao encontro do marido que cá veio viver à busca de trabalho, não imaginou que pudesse algum dia depender da venda de fruta para sustentar a família.

Ela vivia com base na agricultura mas, em Maputo, não tinha terra para cultivar. O seu quintal, situado na Machava Socimol, província de Maputo, município da Matola, não tem espaço para plantar o suficiente para aguentar com a dieta para o mês todo.

"Foi quando pensei no negócio. Na altura, o meu marido ainda era vivo. Faleceu em 2015. Não foi fácil começar, porque não tinha experiência no ramo. Com a ajuda dele e de outras companheiras de venda, aprendi a saber gerir a actividade. Há quinze anos que vendo frutas e rendo o suficiente para sustentar as despesas da família", animou-se.

Para chegar a este nível, Páscoa trilhou vários caminhos. Aprendeu a saber esquivar-se dos carros nas avenidas da cidade de Maputo e a conquistar clientes com o sorriso e simpatia que lhe é característica.

Nesta quarta-feira, encontramos-a no cruzamento das Avenidas Karl Marx e 24 de Julho. Acabava de voltar do fornecedor (mercado da Malanga) e comenta: "A vida não é fácil para ninguém. É preciso sacrifício e coragem para não faltar pão à mesa. Durante os dias úteis da semana, saio de casa às 5:30 horas e só volto às 20 ou 21 horas. Ando a pé do mercado Malanga até aqui. Faço o percurso em 30 minutos. Mesmo assim, vendo a fruta feliz, porque sei que é desta actividade que alimento a família."

DICAS SOBRE SAÚDE

Riscos da hepatite B na gravidez

Os riscos da hepatite B na gravidez podem ocorrer tanto para a grávida como para o bebé. Para a gestante, quando não realiza o tratamento contra a hepatite B e não segue as orientações médicas, pode desenvolver doenças graves do fígado, como cirrose hepática ou cancro do fígado, sofrendo danos que podem ser irreversíveis.

Para o bebé, a hepatite B na gravidez geralmente é transmitida na hora do parto, através do contacto com o sangue da mãe, e, em casos mais raros, também pela placenta.

QUANDO TOMAR A VACINA DA HEPATITE B

Todas as mulheres que não tomaram a vacina contra a hepatite B e que possuem risco de desenvolver a doença devem tomar a vacina antes de engravidar para proteger a si mesma e ao bebé. As grávidas que nunca tomaram a vacina, ou que têm um esquema incompleto, podem ser inoculadas durante a gravidez.

PREVENÇÃO

Para garantir que o bebé de mãe portadora da hepatite B aguda ou crónica não seja contaminado, é recomendado que a gestante siga o tratamento proposto pelo médico e que a criança, imediatamente após o nascimento, tome a vacina contra a hepatite B e as injeções de imunoglobulina específica contra a hepatite B. Cerca de 95 por cento dos bebés que são tratados desta maneira ao nascer não ficam contaminados com o vírus da hepatite B.

SINAIS E SINTOMAS

Os sinais e sintomas da hepatite B aguda na gravidez incluem pele e olhos amarelados, enjoos, vômitos, cansaço, dor no abdómen, principalmente na parte superior direita, onde se situa o fígado, febre, falta de apetite, fezes claras, como massa de vidraceiro, urina escura como cor de coca-cola.

Na hepatite B crónica, a gestante, normalmente, não apresenta sintomas, embora esta situação também tenha riscos